



Identidades Sociais e Culturais na Revista Chiapas¹

Lilian CREPALDI²

Mestre pela Escola de Comunicações e Artes,
Universidade de São Paulo, SP

Resumo

O artigo tem por objetivo compreender como a revista especializada *Chiapas* representa as identidades e as culturas de um importante movimento social da América Latina: o Exército Zapatista de Libertação Nacional. Para tanto, analisou-se um artigo cultural da publicação utilizando como ferramenta de interpretação os conceitos de identidade e cultura de Néstor García Canclini. A partir da análise, conclui-se que a identidade é construída socialmente e constantemente reinterpretada pelo próprio grupo e por aqueles que o observam. O jornalismo dessa revista especializada auxilia na construção de representações sociais, imaginários e memórias, uma vez que as mensagens culturais estão articuladas a outras esferas da realidade social. É por meio da cultura que o ser humano elabora as representações sobre os outros, sobre o mundo e sobre si mesmo.

Palavras-chave

Identidade; cultura; comunicação; Exército Zapatista de Libertação Nacional; Revista Chiapas.

Movimentos sociais e comunicação

A atuação dos movimentos sociais na civilização tecnológica mediática já foi pesquisada sob diversos ângulos, buscando compreender a articulação desses movimentos com a sociedade por meio da mídia. O palanque apenas já não basta para atrair simpatizantes. É preciso mostrar adequação ao tempo. O século XXI promete ser o grande momento para as mediações das redes tecnológicas, favorecendo a exposição política desses movimentos e promovendo interações antes difíceis em vista das barreiras tecnológicas. Dos impressos aos blogs, houve alteração significativa nos meios de produção, circulação e recepção das mensagens. Assim, é preciso tornar a comunicação cada vez mais eficaz para que o discurso seja bem compreendido pelos interlocutores, e, em nível mais amplo, para dar às palavras poder de ação e transformação social. Com a multiplicidade de veículos, é preciso direcionar os meios segundo os objetivos da publicação e os diferentes públicos.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, email: liliancrepaldi@uol.com.br. Esse trabalho teve o apoio do CNPq.



Os movimentos sociais sentiram a necessidade de uma mídia alternativa a comercial e criaram diversas formas de comunicar suas mensagens a simpatizantes, estudiosos e integrantes dos movimentos. O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) - um dos movimentos mais notórios da década de 1990, cuja origem remonta ao estado mexicano de Chiapas - dispõe de jornais, revistas, panfletos, emissoras de rádio, apostilas, documentos, sites, entre outras formas de divulgação do movimento e de seus integrantes. Mais do que falar de política e economia, num estilo de panfletagem contemporânea, os veículos abordam as diversas esferas que circundam os movimentos sociais, entre as quais a esfera cultural e a étnica.

Ao contrário dos comunicados, discursos, livros e demais materiais mediáticos produzidos pelo movimento, a revista *Chiapas*, objeto de estudo desse artigo, é produzida por professores universitários e pesquisadores. Desse modo, é legítimo questionar se tal publicação mostra as culturas locais ou se é mera reprodução das principais temáticas de outras revistas que se dizem “de esquerda”. Assim, o objetivo geral é compreender como a revista *Chiapas* representa as identidades e as culturas do EZLN. Para tanto, faremos uma análise de um artigo cultural da revista partindo das teorias de identidade de Néstor García Canclini. O texto, intitulado *El fin de los descubrimientos imperiales*, foi escrito pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos e publicado na edição 11, de 2001, da revista *Chiapas*.

Identidade e cultura em Néstor García Canclini

Nesta análise, partiu-se do conceito de identidade de García Canclini (2005b, p. 117), para quem *identidade* é uma “construção imaginária que se narra”. Os Estudos Culturais também abordam os conceitos de identidade. Neste trabalho, além do conceito de identidade proposto por García Canclini (2005b), recorreu-se ainda às ideias de Hall (2003), que não busca a identidade nas origens ou nas tradições de um povo, mas opta pela identidade diaspórica, resultado híbrido entre múltiplas interferências culturais. Segundo esse autor,

As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essência, mas um posicionamento. Onde haver sempre uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa “lei de origem” sem problemas, transcendental. (2006, p. p.70).



García Canclini foi nossa principal referência para analisar as mensagens culturais das revistas:

Uno de los pocos consensos que existe hoy en los estudios sobre cultura es que no hay consenso. No tenemos un paradigma internacional e interdisciplinariamente aceptado con un concepto eje y una mínima constelación de conceptos asociados, cuyas articulaciones puedan contrastarse con referentes empíricos en muchas sociedades. Hay diversas maneras de concebir los vínculos entre cultura y sociedad, realidad y representación, acciones y símbolos. (2005a, p.69)

Essas dificuldades em definir *cultura* estão presentes em *Diferentes, desiguais e desconectados* (2005b), obra em que o autor resume três grandes definições de cultura (2005b, p. 37-41): 1 – “cultura é o acúmulo de conhecimentos e de aptidões intelectuais e estéticas”; 2 - cultura como tudo aquilo criado pelo homem e por todos os homens a partir do natural que existe no mundo. São os nossos modelos de comportamento, os costumes, as distribuições espaciais e temporais; 3 – definição sociosemiótica, na qual a cultura abarca “o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social”. Neste trabalho, utilizou-se a terceira definição, buscando compreender nos textos das revistas a “imbricação complexa e intensa entre o cultural e o social” (GARCÍA CANCLINI, 2005b, p.45).

Contudo, para o autor, mais importante que ater-se às definições de cultura “é (...) descrever os esforços de convivência e não somente ressaltar as diferenças” (2005b, p.180), um dos objetivos a que este trabalho – mediante a análise das revistas – se propõe. Afinal, conforme García Canclini, “as maneiras pelas quais se estão reorganizando a produção, a circulação e os consumos dos bens culturais não são simples operações políticas ou mercantis; instauram modos novos de entender o que é cultural e quais são os seus desempenhos sociais” (2005b, p. 49).

Segundo o autor, para minimizar os conflitos em todo o mundo, é necessário buscar uma cidadania global com participação efetiva dos indivíduos. Para tanto, cumpre “ter comunicação com os diferentes, corrigir as desigualdades e democratizar o acesso a patrimônios interculturais tornaram-se tarefas indissociáveis para escapar deste tempo de abundância mesquinha”.

Para ele, passamos de um mundo *multicultural* para um mundo *intercultural*. O autor entende o *multicultural* como “justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação (2005b, p.17). Nesse sentido, admite-se a diversidade de culturas e a aceitação do



heterogêneo. Já o *intercultural* “remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas” (2005b, p.17).

García Canclini (2005b) opta pela interculturalidade ao constatar que o multiculturalismo, em seus extremos, pode levar a ações afirmativas de certos grupos – mulheres, indígenas, afro-americanos, entre outros - que, por vezes, escondem dilemas compartilhados com grupos mais amplos.

O multiculturalismo, entendido como programa que prescreve cotas de representatividade (...) como exaltação indiferenciada das realizações e misérias daqueles que compartilham a mesma etnia ou o mesmo gênero, entrincheira-se no local sem problematizar sua inserção em unidades sociais complexas de ampla escala. (GARCÍA CANCLINI, 2005b, p. 26-27).

Ele entende que “permanecer numa versão fragmentada do mundo afasta as perspectivas macrossociais necessárias para compreender e intervir nas contradições de um capitalismo que se transnacionaliza de modo cada vez mais concentrado” (2005b, p.27). O multiculturalismo, por sua vez, proporcionaria enriquecimentos e inovações estilísticas mediante empréstimos tomados de várias partes, mas não apresentaria tantas respostas ou levantaria novos questionamentos quanto o *inter*. Assim, para compreender os fracassos sociopolíticos do mundo atual, o autor opta pela interculturalidade, que “implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos” (2005b, p.17). Serão essas as relações que o presente trabalho se dispõe a analisar.

Estrutura da revista *Chiapas*

Ao contrário dos comunicados, discursos, livros e demais materiais mediáticos produzidos pelo EZLN, a revista *Chiapas* é uma publicação especializada, produzida por professores universitários e pesquisadores. Com formato acadêmico e artigos repletos de conceitos e referências a autores renomados, a revista circulou entre 1995 e 2004.

Com sede na Cidade do México, *Chiapas* era uma coedição do Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade Autônoma do México (UNAM) e das Ediciones Era. Ainda hoje, a UNAM é o principal centro produtor de informações acadêmicas sobre o EZLN, seguida pela Universidade do Texas, que goza de grande influência na comunidade hispânica.



A responsável pela publicação era a professora universitária Ana Esther Ceceña, que leciona, orienta e pesquisa no Instituto de Pesquisas Econômicas da UNAM e cuja linha de pesquisa compreende temas como Relações Econômicas Internacionais, Hegemonia Econômica, Competência Internacional, Regionalização, Recursos Naturais Estratégicos e de presença constante na revista *Chiapas*. Com formação em Economia (Graduação na UNAM), Relações Econômicas Internacionais (Mestrado na UNAM) e Terceiro Ciclo em Relações Econômicas Internacionais (Doutorado na Universidad de Paris I-Sorbonne), a professora Ana Esther Ceceña trabalha atualmente no projeto *Teoría política del mundo donde caben todos los mundos* – “Um mundo onde cabem todos os mundos” –, não por acaso a proposta política do movimento zapatista.

Lançada em 1995, após a primeira insurreição do EZLN, a revista oscilava entre periodicidade semestral e anual. Todas as 16 edições produzidas até 2004 podem ser acessadas gratuitamente na página oficial do movimento neozapatista (www.ezln.org/revistachiapas). Ao apresentar seu primeiro número, os responsáveis traçam o perfil editorial da revista:

El proyecto que inicia con este volumen intenta analizar, reconstruir y acercarse a esa realidad, síntesis de la problemática nacional, a partir de la convocatoria a investigadores y conocedores profundos de la problemática chiapaneca. Nos proponemos ofrecer una visión multidisciplinaria, que reúna los puntos de vista en torno a Chiapas de economistas, antropólogos, historiadores, politólogos, especialistas en conflictos agrarios, etcétera, así como documentos y cronologías pertinentes.

Trata em especial a publicação de temáticas como história e atuação do EZLN, cultura dos povos indígenas, questão agrária, cenário internacional e política mexicana, além de entrevistas. Somando-se aos professores mexicanos, estudiosos de renome mundial freqüentaram as páginas da revista. Ativistas e membros de outros movimentos sociais ao redor do mundo também já escreveram para a publicação, como o brasileiro João Pedro Stédile, líder de destaque do MST.

A revista não está dividida em editorias, mas algumas sessões aparecem em todas as edições, como *Presentación* (um editorial sem assinatura) e *Para el archivo* (que contempla documentos do EZLN e artigos diversos). Outras sessões, como *Debate* e *Testimonio*, aparecem esporadicamente.

A versão eletrônica de *Chiapas*, na qual está disponível a íntegra de todas as edições, abre-se com a imagem de um militante do EZLN de quem são visíveis apenas o



capuz e os olhos. É uma imagem simbólica do movimento, cujos integrantes crêem mostrar o rosto já que a intenção é falar em nome de todos.

A manchete da home da revista é “Alerta roja em Chiapas”. Clicando no ícone, chega-se a um texto de Ana Esther Ceceña. O acesso completo a ele demanda entrar na página do jornal *La Jornada*, atualmente o maior divulgador dos acontecimentos do EZLN.

No texto de *La Jornada*, publicado em 21 de junho de 2005, mesma data da última atualização do site da revista, Ana Esther Ceceña explica em que consiste o estado de Alerta Vermelho por que passa o EZLN. De acordo com a pesquisadora, o alerta foi emitido devido à presença de tropas do exército perto de áreas das Juntas de Governos Zapatistas. Apesar de não haver confrontos diretos, Ana Esther diz que foram observadas atividades de patrulhamento e treinamentos perto destas áreas. “Poco a poco las posiciones militares fueron construyendo un cerco sobre Montes Azules, la tan disputada reserva de la biosfera, que parecería apuntar hacia una posible operación quirúrgica”, afirma, ressaltando ainda os problemas da fronteira entre México e Guatemala, as acusações de envolvimento do EZLN com o narcotráfico e o interesse estrangeiro nos recursos naturais de Chiapas. Esse conjunto de fatores foi decisivo para a emissão do alerta vermelho, forçando o EZLN a uma posição mais reclusa e menos combatente do que em seus anos iniciais.

Na página da revista *Chiapas*, no menu à esquerda, além de ícones para todas as 16 edições, veem-se os títulos Créditos e Autores, cujas mensagens são, respectivamente, “Los que han contribuido con los materiales gráficos, y el diseño electrónico, así como la versión impresa de la revista *Chiapas* aparecerán en esta sección...” e “Los que escriben y hacen posible la revista *Chiapas* aparecerán en esta sección...”. Contudo, os nomes dos colaboradores não aparecem em nenhuma página.

Dos três links no fim da página principal, indicando outros locais para acessar a revista, apenas um funciona, e remete a uma página idêntica à inicial. Há também um e-mail para contato e o do webmaster, mas não houve respostas durante esta pesquisa.

Na página da revista, um item instrui a como tornar-se assinante: “Para suscribirse a la revista *Chiapas* sigue las instrucciones que aparecen en La Sección de Compras”. O endereço indicado é da Ediciones ERA, mas a revista não está disponível.

O último tópico do site – links indicados – aponta links de diversos movimentos sociais, instituições, universidade, centros de pesquisa e associações sem fins lucrativos.



O segundo link da página é do MST, logo abaixo do EZLN, sinal da estreita relação entre os dois movimentos sociais.

As capas da revista *Chiapas* são escolhidas pela estética ou simbolismo, não necessariamente pela temática do dossiê principal da revista. No site, é possível visualizar todas as capas, em tamanho pequeno, ao lado dos ícones para os artigos.

Análise do texto *El fin de los descubrimientos imperiales*

O texto “El fin de los descubrimientos imperiales” está dividido em cinco partes: 1. *Descubrimiento de lugares*; 2. *El Oriente*; 3. *El salvaje*; 4. *La Naturaleza*; 5. *Los lugares fuera de lugar*. A tradução para o espanhol é de Ana Esther Ceceña, editora-chefe da revista, segundo indicação no fim do texto.

O texto foi publicado na edição 11, em 2001, cuja capa, em preto e branco, reproduz a foto de uma manifestação pública do EZLN, com destaque para uma mão com os dedos formando o “v” de vitória.

O autor do texto, Boaventura de Sousa Santos, cuja referência acadêmica não aparece no texto, é um renomado sociólogo português de posição frequentemente favorável aos diversos movimentos sociais, inclusive o EZLN e o MST. Com doutorado em sociologia do direito pela Universidade de Yale, Sousa Santos é professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e diretor do Centro de Estudos Sociais dessa universidade.

Ao todo, há 14 notas de referências no texto, sobretudo a livros, sendo apenas duas de caráter explicativo de algum ponto do texto, e as demais de caráter bibliográfico. Das notas de referências, cita-se apenas uma obra mexicana, publicada pelo Fondo de Cultura Económica, uma das principais editoras do país. Há, sobretudo, autores de origem inglesa e portuguesa, dado que o sociólogo é português de nascimento. Mas o motivo da escolha dos autores deve-se ao tema a tratar: a interferência da cultura dos descobridores sobre os povos descobertos.

A primeira parte do texto, *Descubrimiento de lugares*, discorre sobre a relação entre descobridores e descobertos. “Aunque es cierto que no hay descubrimiento sin descubridores y descubiertos, lo más intrigante es que teóricamente no es posible saber quién es quién” é a primeira frase do artigo, que convida o leitor a refletir sobre os reais papéis desempenhados por descobridores e descobertos. Para o autor, esses papéis se confundem, ideia que se constitui num dos principais argumentos do texto.



Segundo o texto, o descobrimento é sempre recíproco. “(...)quien descubre es también descubierto y viceversa”, diz. Ao expandir essa ideia, entretanto, não há como fugir da pergunta que norteará os principais assuntos do texto: “¿Por qué es entonces tan fácil, en la práctica, saber quién es el descubridor y quién el descubierto?” A resposta é imediata: “Porque siendo el descubrimiento una relación de poder y de saber, es descubridor quien tiene mayor poder y saber y, en consecuencia, capacidad para declarar al otro como descubierto”. Nesse trecho, compreende-se que o processo de descobrimento está estreitamente relacionado aos saberes e poderes do descobridor que, em suas concepções culturais e econômicas, são superiores às do descoberto.

Dessa forma, o cerne da questão está na desigualdade de poder e saberes. “Es la desigualdad del poder y del saber la que transforma la reciprocidad del descubrimiento en apropiación del descubierto. En este sentido todo descubrimiento tiene algo de imperial, es una acción de control y sumisión”. Até este ponto, o autor pensa nas temáticas do domínio cultural sem considerar as formas de apropriação dos povos dominados, perspectiva que se alterará ao longo do artigo.

Para Boaventura de Sousa Santos, o segundo milênio de nossa era (*o artigo é do século XX*) apresentou mais descobrimentos imperiais do que o milênio anterior, tendo os descobridores classificado os descobertos de três formas: “el Oriente, el salvaje y la naturaleza”, que são os próximos subtítulos do texto.

Antes de abordar cada tópico, o autor apresenta sua concepção de descobrimento imperial, mostrando as principais características do processo.

El descubrimiento imperial tiene dos dimensiones: una empírica, el acto de descubrir, y otra conceptual, la idea de lo que se descubre. Contrariamente a lo que puede pensarse, la dimensión conceptual precede a la empírica: la idea sobre lo que se descubre comanda el acto del descubrimiento y sus derivaciones. La especificidad de la dimensión conceptual de los descubrimientos imperiales es la idea de la inferioridad del otro. El descubrimiento no se limita a establecer esa inferioridad sino que la legitima y la profundiza. Lo que se descubre está lejos, abajo y en los márgenes, y esa "ubicación" es la clave para justificar las relaciones entre descubridor y descubierto.

Esse conceito é de fundamental para que o leitor da revista compreenda os tópicos seguintes. Para o autor, a concepção sobre o que será descoberto comanda a própria descoberta. No caso do imperialismo europeu, considerar *a priori* inferior o local a descobrir legitima o chamado “fardo do homem branco”, isto é, a responsabilidade do “superior” – nos campos cultural, político e econômico – de levar a



civilização ao “selvagem”. Assim, o que é descoberto nasce carregado de justificativas, pré-concepções e preconceitos.

Conforme explica García Canclini, “é necessário considerar a alteridade como uma construção imaginada, que - ao mesmo tempo - enraíza-se em divergências interculturais empiricamente observáveis” (2005b, p. 266). Nesse sentido, é praticamente impossível para o descobridor distinguir o que é concepção do que é real em relação ao outro. Segundo o texto, a produção da inferioridade é crucial para sustentar os descobrimentos imperiais, razão por que se adotam diversas estratégias de inferiorização, conforme Souza Santos descreve:

En este campo puede decirse que el Occidente no ha carecido de imaginación. Entre estas estrategias podemos mencionar la guerra, la esclavitud, el genocidio, el racismo, la descalificación, la transformación del otro en objeto o recurso natural y una vasta sucesión de mecanismos de imposición económica (tributos, colonialismo, neocolonialismo y, por último, globalización neoliberal), de imposición política (cruzadas, imperio, estado colonial, dictadura y por último democracia) y de imposición cultural (epistemicidio, misiones, asimilación y finalmente industrias culturales y cultura de masas).

No subtítulo *El Oriente*, ganha corpo a discussão sobre as classificações em que os descobridores enquadram os descobertos. Segundo o autor, o Ocidente não existe sem o contraste com o Oriente. Dessa forma, a noção de Ocidente se inicia a partir da chegada ao Oriente. “Oriente es el primer espejo de diferenciación en ese milenio. Es el lugar cuyo descubrimiento descubre el lugar de Occidente: el comienzo de la historia que empieza a ser entendida como universal”.

O descobrimento imperial também assume conteúdos diferentes em tempos diferentes. “Un Occidente decadente ve en Oriente la Edad de Oro; un Occidente boyante ve en Oriente la infancia del progreso civilizatorio”. Nesse sentido, o Ocidente determina o valor do Oriente a partir de suas próprias concepções e do momento histórico em que se encontra. Numa situação ruim, o Oriente torna-se sinônimo de uma civilização superior à presente; se a situação do Ocidente é boa, o Oriente é o local da falta, carente das qualidades do Ocidente.

Para o autor, as duas visões em relação ao Oriente estiveram presentes ao longo do milênio, mas a segunda foi prevalecendo. “Asia es el principio y Europa el fin absoluto de la historia universal, es el lugar de consumación de la trayectoria civilizatoria de la humanidad”, explica. Para os adeptos dessa segunda ideia, a Europa é a civilização a ser alcançada, os ideais a serem atingidos, ao passo que o Oriente deve



ser superado, porque, apesar de ser o início de tudo, não soube dar continuidade satisfatória a esse processo. Prevalece a noção de uma história de sucessões imperiais, divulgada na Idade Média e modificada por Hegel.

O autor segue argumentando a respeito da modificação por que passaram as ideias sobre o Oriente, enfatizando que são resultado das transformações da economia mundial. Percebe-se aqui a preocupação do autor em buscar explicações históricas também para as mudanças de conceito. Para ele, até o século XV, a Europa (Ocidente) é a periferia de um sistema cujo centro se localiza na Ásia Central e na Índia. Mas o Oriente sentido como ameaça já emite sinais desde a Idade Média, sobretudo com as Cruzadas, que provocaram encontros e conflitos entre diferentes civilizações. Em seguida, o texto apresenta um breve panorama das Cruzadas, argumentando que foram decisivas para criar a imagem do Oriente como ameaça a ser vencida.

O autor menciona ainda o caso específico de Portugal, país em que o encontro com o Oriente não foi tão traumático.

Tal vez debido a su posición periférica en Occidente, vieron (*os portugueses*) a Oriente con menos rigidez: como la civilización temida y admirada a la vez. El rechazo violento iba acompañado de veneración, y los intereses del comercio marcaban el predominio de una u otro. Por otro lado, el descubrimiento del camino marítimo hacia India es el más occidental de todos los descubrimientos, en la medida que las costas de África oriental y el océano Índico habían sido descubiertos mucho tiempo antes por las flotas árabes e indias.

Arrematando sua justificativa de como a segunda concepção ganhou primazia sobre a primeira, o autor afirma que a consagração científica do orientalismo no século XIX foi fundamental para esse predomínio. Para destrinchar o orientalismo, o artigo recorre a Edward Said, um dos maiores especialistas no assunto, que, em *Orientalismo*, esclarece:

(...) esa concepción se asienta en los siguientes dogmas: una distinción total entre "nosotros", los occidentales, y "ellos", los orientales; Occidente es racional, desarrollado, humano, superior, mientras que Oriente es aberrante, subdesarrollado e inferior; Occidente es dinámico, diverso, capaz de autotransformación y autodefinition mientras Oriente es estático, eterno, uniforme, incapaz de autorrepresentarse; Oriente es temible (ya sea por el peligro amarillo, las hordas mongoles o los (mediante la guerra, ocupación, pacificación, investigación científica, ayuda para el desarrollo, etcétera).

Percebe-se, novamente, a preocupação em atribuir lacunas ao Oriente, seja do conhecimento, seja do desenvolvimento político. Assim, para Said, o orientalismo se sustenta sobre a diferenciação entre nós (Ocidente) e eles (Oriente), cabendo ao



Ocidente o papel o portador das melhorias, daquele que alcançou uma civilização mais perfeita.

Em *Cultura e Imperialismo* (1995), Said, a partir da análise de alguns romances da cultura ocidental, argumenta que as relações entre política e cultura foram essenciais no sistema de dominação europeia no século XIX e que a ideia de superioridade ocidental estava consolidada na imaginação de dominadores e dominados. Para ele, o pior legado do imperialismo foi fazer as pessoas acreditarem que eram uma coisa só, condenadas a um único rótulo. Contudo, este pensamento foi se alterando, culminando hoje numa ideia menos excludente. Para Said (1995, p.411),

É mais compensador – e mais difícil – pensar sobre os outros em termos concretos, empáticos, contrapuntísticos, do que pensar apenas sobre “nós”. Mas isso também significa não tentar dominar os outros, não tentar classificá-los nem hierarquizá-los e, sobretudo, não repetir constantemente o quanto “nossa” cultura ou país é melhor (ou *não* é o melhor também).

Outro pensamento que favoreceu o imperialismo europeu foi o da superioridade intrínseca do Ocidente, de que somente a Europa detinha uma série de características que proporcionaram maior desenvolvimento. Segundo o autor, Max Weber seria um dos adeptos dessa teoria.

Para finalizar este tópico, o autor discute que também o Oriente construiu imagens simbólicas em relação ao Ocidente. Como exemplo, retoma o papel histórico das Cruzadas, desta vez na perspectiva do Oriente, especificamente dos adeptos do islamismo. “(..) para el mundo musulmán las cruzadas -ahora llamadas guerras e invasiones francas- conformaron una imagen de Occidente -un mundo bárbaro, arrogante, intolerante, incumplido en sus compromisos- que igualmente domina hasta hoy”.

Apesar de a concepção do Ocidente sobre o Oriente continuar repleta de negatividades, os interesses econômicos permitiram diversos intercâmbios, a exemplo dos poços de petróleo, que, por sua vez, ajudaram a reforçar um sentimento anti-islâmico já presente na Europa e nos Estados Unidos (entendidos também como Ocidente, tendo em vista que receberam populações europeias). Para o autor, quanto maior a percepção de vulnerabilidade do Ocidente perante as ameaças do Oriente (atualmente, sobretudo o terrorismo), tanto maior se torna o Oriente. E tais ameaças terminam por legitimar a violência do Ocidente em relação às questões do Oriente: “la percepción de la alta vulnerabilidad, lejos de ser una manifestación de debilidad, es una



manifestación de fuerza y se traduce en la potenciación de la agresividad. Sólo quien es fuerte puede justificar el ejercicio de la fuerza a partir de la vulnerabilidad”.

Por fim, a ideia de um Ocidente vulnerável restringiria o tamanho do próprio Oriente, levando a criar Orientes dentro do Ocidente, como no caso das minorias étnicas.

Mais uma visão do outro que justifica o imperialismo é a do selvagem, discutida no subtítulo *El salvaje*. Para o descobridor, o selvagem é sinônimo de inferioridade, de carência de cultura. E, por não valer a pena o confronto cultural com o selvagem, uma vez que nem racional é, qualquer contato que vá além dos interesses econômicos é dispensável. Para alcançar os fins, conforme explica o autor, o Ocidente se valeu de todos os recursos pragmáticos conhecidos: “esclavitud, genocidio, apropiación, conversión, asimilación”.

Para diferenciar o Oriente e o selvagem, o autor cita o exemplo das missões jesuíticas portuguesas no Brasil e no Japão. Conforme o testemunho dos jesuítas, o Brasil era uma terra inculta, que demandava verdadeira colonização, ao passo que o Japão (e outros locais como Índia e China) já havia alcançado outro patamar, tanto que despertara a atenção de navegadores como Marco Polo.

Assim como a ideia de Oriente, a concepção de selvagem também sofreu alterações ao correr dos anos: de Aristóteles, para quem existia uma natureza inferior, destinada a obedecer, a Rousseau, para quem o selvagem, naturalmente bom, corrompia-se pelo contato com a sociedade.

O autor também retoma Bartolomeu de Las Casas, que considera os ameríndios racionais e livres, razão para lutarem por emancipação. Segundo o texto, Las Casas “denuncia la declaración de inferioridad de los indios como un artificio para compatibilizar la más brutal explotación con el immaculado cumplimiento de los dictados de la fe y las buenas costumbres”. Sabe-se, porém, que não foi esse o pensamento que prevaleceu em relação aos indígenas, mas o de que era preciso levar civilização para um lugar repleto de selvageria, mesmo que à custa de brutalidade.

Sabe-se que, mesmo com o choque da conquista europeia, as estruturas pré-colombianas continuam presentes na América. Com a imposição do sistema colonial as antigas instituições foram adaptadas mas não extintas. Elementos econômicos, sociais, políticos e ideológicos assumiram novas formas e se hispanizaram. A cultura nativa, mesmo com tantas adaptações, conseguiu preservar alguns de seus valores e costumes, que podem ser vistos até a presente data, em alguns grupos indígenas da América,



inclusive na região de Chiapas. Apesar da tentativa de imposição das tradições e costumes ocidentais, alguns povos como os chiriguanos, os araucanos e os chichimecas resistiram por diversos anos à Conquista, pois eram povos nômades e realizaram alianças para deter as forças espanholas (WACHTEL, 1997, p.239).

No tópico *La naturaleza*, outra justificativa para o imperialismo, o autor apresenta a natureza como ameaça e recurso. “Es una amenaza tan irracional como el salvaje pero, en el caso de la naturaleza, la irracionalidad deriva de la falta de conocimiento sobre ella, un conocimiento que permita dominarla y usarla plenamente como recurso”.

Todavía, enquanto a violência contra o selvagem ocorre a partir da destruição dos conhecimentos nativos, a violência contra a natureza ocorre ao transformá-la em recurso natural, na maioria das vezes, à revelia dos nativos. “En ambos casos, no obstante, las estrategias de conocimiento son básicamente estrategias de poder y dominación. El salvaje y la naturaleza son, de hecho, las dos caras del mismo designio: domesticar la "naturaleza salvaje", convirtiéndola en un recurso natural”, complementa o autor. Nos dias atuais, a questão do aproveitamento dos recursos naturais abrange outros temas, como a biodiversidade, a sustentabilidade e a autonomia das áreas exploradas.

No último subtítulo, *Los lugares fuera de lugar*, o autor retoma as três discussões feitas no decorrer do texto: “Oriente como el lugar de la alteridad; el salvaje como el de la inferioridad; la naturaleza como el de la exterioridad”. Para ele, essas matrizes acompanharam, e ainda acompanham, grande parte do pensamento ocidental do milênio recém-terminado, continuando a alimentar inúmeras concepções acerca dos “outros”. “El descubrimiento imperial no reconoce igualdad, derechos o dignidad en lo que descubre. Oriente es el enemigo, el salvaje es inferior y la naturaleza es un recurso a merced de los humanos”, destaca.

Considerações finais

O artigo da revista Chiapas conclui-se com uma série de perguntas ao leitor, que, para o autor, são de extrema necessidade para pensar o fim do milênio (*lembrando que o artigo é de 2001, sendo que o provável envio foi em 2000*). Segundo ele, são as perguntas que o terceiro milênio precisa responder:



¿Por cuánto tiempo el lugar descubierto mantiene el estatuto de descubierto? ¿Por cuánto tiempo el lugar descubierto permanece en el lugar del descubrimiento? ¿Cuál es el impacto del descubierto sobre el descubridor? ¿Puede ser descubierto el descubridor? ¿Puede el descubridor descubrirse? ¿Son posibles los redescubrimientos? (...) ¿Es posible sustituir el Oriente por la convivencia multicultural? ¿Es posible sustituir al salvaje por la igualdad en la diferencia y por la autodeterminación? ¿Es posible sustituir la naturaleza por una humanidad que la incluya?

Apesar de o texto não se concentrar em nenhum tema mexicano, a discussão sobre as relações entre Ocidente e Oriente, entre civilização e selvagem, é interessante para pensar as questões em torno de Chiapas, tendo em vista que os indígenas são vistos pelas autoridades do país como uma ameaça a ser contida, o que justificaria até mesmo o uso da violência. O caso se assemelha a quando o Ocidente legitima suas invasões e intervenções em áreas do Oriente com pretextos de ameaça terrorista ou falta de democracia.

De maneira sucinta, o texto aborda as opiniões e preconceitos que a sociedade ocidental tem sobre as comunidades tradicionais e como isso contribuiu para a exclusão social e econômica dessas comunidades. Dessa forma, é interessante ressaltar que a revista *Chiapas* não se limita a discutir apenas o zapatismo ou o México: ela amplia o leque de debates para pensar em questões mais profundas e buscar historicidade em problemas que afligem sociedades que não a mexicana. Dessa forma, para além de discussões políticas, sociais e econômicas, a revista também se presta a um papel bastante acadêmico, pondo em debate conceitos e estimulando novos estudos.

Referências bibliográficas

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Definiciones en transición. MATO, Daniel. **Cultura, política y sociedad**: Perspectivas latinoamericanas. CLACSO: Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2005a. pp. 69-81.

Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/mato/GarciaCanclini.rtf>.

Acesso em: 20. abr. 2007.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005b.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.



REVISTA CHIAPAS. Cidade do México: UNAM, 1995-2004. Semestral/Anual.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. El fin de los descubrimientos imperiales. In: **Revista Chiapas**. ed.11. Cidade do México: UNAM, 2001.

WACHTEL, Natan. Os índios e a conquista espanhola. In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina: América Latina Colonial** . vol. 1. São Paulo: EDUSP, Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 1997. p. 195-239.